

ECONOMIA

Economia - Brasil

REAL: Armínio Fraga, diretor de investimentos de George Soros, diz que o país está muito melhor este ano do que em 95

Investir no Brasil é apostar na virada

Para o economista, o déficit vai cair este ano e, além disso, as reformas começam a andar

Cecília Costa

O Brasil está muito melhor neste segundo ano do Real que em 1995, quando sofreu o impacto da crise no México, e investir agora no país é uma boa opção, pois significa apostar na virada, ou seja, estar confiante de que nos próximos anos o Governo vai consolidar seu plano de estabilização e apresentar boas taxas de crescimento, oferecendo aos investidores um retorno mais seguro. Esta opinião é a de um dos mais respeitados economistas brasileiros, o diretor do fundo de investimentos do húngaro George Soros, Armínio Fraga, que foi diretor do Banco Central quando Marcílio Marques Moreira era ministro da Fazenda de Collor, e que inúmeras vezes já foi convidado a retornar ao Governo.

Para Fraga, que participou no início da semana passada, em Buenos Aires, do World Economic Forum, se no ano passado o Brasil se vias às voltas com um déficit fiscal crescente e uma total morosidade dos trabalhos no Congresso, neste exercício deverá conseguir uma redução no déficit operacional para 2,5% do Produto Interno Bruto, devendo à queda dos juros e a redução das despesas, além de contar com um melhor andamento das reformas constitucionais e a aceleração do processo de privatização.

Investidor não recomenda um crescimento muito acelerado

Fraga não considera importante, por exemplo, que todo o projeto de reforma da Previdência Social seja aprovado. Basta que alguns poucos itens fundamentais, como a mudança no critério de idade de aposentadoria, passem no Congresso para que já se tenha um alívio significativo nas contas públicas. Ele só não recomenda um crescimento econômico muito rápido, crendo que uma boa taxa para o ano que vem é da ordem de 5% do PIB.

— O essencial para nós é ver que o país está andando nas reformas, é o processo. Ao investirmos, levamos em consideração o gerúndio, o estar sendo, e não exatamente o que é o país em determinado momento — afirmou.

E explicou ainda que, por isso, não deveria ser dada muita importância ao fato de os técnicos do World Economic Forum terem dado uma nota muito baixa à economia brasileira, no que diz respeito à competitividade.

Para o economista, que gera uma carteira de bilhões — para se ter uma idéia,

o Fundo Quantum, de George Soros, detém ativos da ordem de US\$ 12 bilhões — a política cambial brasileira está muito bem como está, não sendo recomendável que viesse a sofrer mudanças no curto, médio ou longo prazo. Se existe alguma defasagem cambial que esteja afetando o comportamento das exportações, Armínio Fraga considera que seria bem mais interessante reduzir a carga tributária incidente sobre as exportações do que alterar o câmbio, já que mudanças cambiais são sinal de instabilidade. Por outro lado, a redução de impostos sobre o setor exportador teria o mesmo efeito benéfico, sem passar para o mundo financeiro uma noção de possível crise ou intransquilidade.

— Existe um trabalho do economista Fernando Resende que revela que, desonerando-se as exportações, se teria um efeito equivalente a uma desvalorização cambial de 8% a 10%. Isso bastaria para dar um impulso maior ao saldo comercial brasileiro, sendo uma medida com caráter absolutamente positivo, já que o país assim poderia continuar com o atual sistema de bandas cambiais e o real relativamente valorizado frente ao dólar — explica Fraga.

Será perigoso para o Brasil, em um determinado momento, chegar, por exemplo, a apresentar no futuro uma paridade de R\$ 2 para US\$ 1? Será, então, um sinal de instabilidade? Fraga tem certeza de que não. Segundo ele, as desvalorizações internas na banda cambial podem ir caminhando normalmente. Prova disso é que esse foi o sistema adotado pelo Governo do Chile, que não se agarrou a paridade de R\$ 1 para US\$ 1 — ao contrário da Argentina — e que tão bons resultados vêm dando para a economia chilena.

Discordando totalmente do economista alemão do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Rudiger Dornbusch, Armínio Fraga acredita que o Brasil está longe de poder vir a enfrentar uma crise cambial como a do México. Embilhado que o México só detinha US\$ 12 bilhões em reservas internacionais, sendo que deste total mais de 80% eram capitais especulativos, o Brasil está com US\$ 60 bilhões de reservas e provavelmente, calcula Fraga, apenas US\$ 20 bilhões estão em mãos de estrangeiros. Ou seja, poderiam sair do país a qualquer momento caso houvesse uma súbita alta dos juros internacionais ou queda nas bolsas mundiais.

— Dornbusch perdeu uma boa oportunidade de dar um conselho mais efetivo ao Governo brasileiro, tendo criado

uma confusão no mercado financeiro internacional, que felizmente foi cortada a tempo com a resposta pronta do Ministro da Fazenda, Pedro Malan — observou Fraga.

É possível que no futuro George Soros venha a ter investimentos no Brasil? Por enquanto, na América Latina, o fundo só tem uma presença mais forte na Argentina, onde investiu no mercado imobiliário, tendo participado da construção de shopping centers. Fraga diz que sim, que a corretora de Soros tem interesse sobretudo no processo de privatização, estando de olho em telecomunicações, energia elétrica, portos, sendo que o mais provável é a de que venha a aplicar nas privatizações menos concorridas.

— Quanto menos concorridas, melhor — afirmou.

Quanto à Argentina, explicou, o que aconteceu é que tiveram lá, por sorte, uma pessoa extremamente agressiva e inteligente, o consultor de investimentos Eduardo S. Elsztain, que deu a dica do setor imobiliário. Ele apontou para a corretora de Soros um segmento do mercado argentino que tem se mostrado bastante rentável. Agora, é preciso ficar bem claro que, apesar de estar de olho no Brasil, o George Soros Fund Management joga pesado mesmo é na Ásia. Afinal de contas, diz Armínio Fraga, se o Brasil é gerúndio, processo, lá na Ásia tudo já está pronto, sendo a região, disparada, a melhor opção de investimento no momento.

Marcílio Marques Moreira também idealizou um plano econômico

Mas não é só em dinheiro que o mega-investidor pensa o tempo inteiro, destaca Fraga. Segundo seu braço-direito, George Soros realmente emprega quase que 50% de tudo o que ganha nas bolsas de valores em projetos de caridade. As revelações não acabam aí. O economista lembra ainda que, quando fazia parte da equipe do então ministro da Fazenda Marcílio Marques Moreira, havia no Governo um projeto inacabado de um plano econômico baseado na cotação do dólar. Por isso, Francisco Gros, na época o presidente do Banco Central, e Marcílio tiveram a preocupação de acumular reservas de cerca de US\$ 20 bilhões. O plano, segundo Fraga, seria muito parecido com o Real, tendo como base a dolarização da economia.

— Mas vieram as denúncias contra o presidente Collor. Fizemos uma reunião e percebemos que não havia mais clima para planos — contou. ■



ARMÍNIO FRAGA: 'Soros ainda não investiu no Brasil, mas está de olho nas privatizações'